

Conferência:
Economia e História sob o olhar de Eric Hobsbawm:
uma radiografia dos séculos XIX e XX

Tânia Maria Ferreira de Souza*

Resumo

Palestra proferida em seminário organizado pelo Departamento de História, sobre a historiografia e o legado de Eric Hobsbawm – um dos maiores historiadores do século XX. Seu principal foco esteve na emergência e trajetória do capitalismo moderno e nas transformações sofridas pelo sistema, desde o fim da Idade Média. O texto trata de suas principais obras, privilegiando as ERAS – **A Era das revoluções**, **A Era do capital**, **A era do império** e a **Era dos extremos** – assim como o livro **Tempos interessantes**, uma verdadeira obra prima do século XX, em que ele assume o papel de observador participante analisando os principais fatos econômicos e políticos do seu tempo.

Palavras-chave: Eric Hobsbawm; Historiografia; Séculos XIX e XX.

Primeiramente, gostaria de agradecer ao Departamento de História, nas pessoas dos Professores Carlos Evangelista Veriano e do Coordenador de Curso Prof. Edison Gomes, o convite para proferir essa palestra sobre vida e obra de Eric Hobsbawm. Portanto, considereirei tal convite uma distinção considerável e falarei a vocês, com grande satisfação e, simultaneamente, parafraseando o próprio mestre dos mestres Eric Hobsbawm, também com “uma certa dose de modéstia defensiva”, por não me reconhecer uma especialista em sua historiografia (ele assim se expressou, em sua conferência sobre Marshall, proferida na faculdade de Cambridge em 1980, onde, segundo ele, teria atuado marginalmente como historiador, durante anos, e teria seus trabalhos também recusados na mesma faculdade; essa palestra foi publicada com o título de “Historiados e Economistas: I”, em no seu livro **Sobre história** (*On Hystory*), publicado no Brasil em 1998, pela Companhia das Letras. Continuando a paráfrase já

* Doutora em História Econômica pela Universidade São Paulo (USP). Professora Adjunta IV do Departamento de Economia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas).

iniciada: não sou historiadora, sou economista e sequer marxista; segundo critérios de muitos historiadores, tampouco sou uma historiadora da economia, embora pelo critério de uma pesquisa doutoral, tenha o diploma. Nessa palestra, também, não poderia buscar refúgio na filosofia ou na sociologia, por não ter a necessária formação, embora reconheça que muitas de suas proposições poderiam me ajudar a interpretar a obra do autor. Portanto, somente poderia buscar refúgio nas suas próprias palavras, daí as inevitáveis e inúmeras paráfrases de um oráculo do século XX, cujas ERAS nos brindaram com um painel/uma tapeçaria magistral do século passado. Em síntese, falarei como leiga e como aprendiz dos mestres dos mestres, cujas obras não só me ajudaram em minhas aulas de História Econômica Geral, História do Pensamento Econômico e Formação Econômica do Brasil, no departamento de Economia da PUC Minas, ao longo dos últimos 28 anos, mas também me ensinaram como radiografar e diagnosticar as mazelas do capitalismo. O que me alegra e me estimula a abrir a boca é reconhecer que a economia, como diz o próprio Hobsbawm (1998), principalmente a sua parte que arroga o monopólio de definir o objeto, sempre foi vítima da história. Nas suas palavras:

Durante longos períodos, quando a economia mundial parece estar transcorrendo muito feliz com ou sem aconselhamento, a história estimula uma grande dose de presunção. A economia tem a palavra, a economia incorreta é tacitamente excluída ou despachada para a zona crepuscular da heterodoxia passada e presente, o equivalente da cura pela fé ou da acupuntura em Medicina. [...] Porém, de vez em quando, a história surpreende os economistas em suas ginásticas brilhantes e leva embora os seus roupões. O início dos anos 30 foi um desses períodos, e estamos passando por outro. Pelo menos alguns economistas estão insatisfeitos com a situação de sua disciplina. Talvez os historiadores possam contribuir para um esclarecimento, se não para uma revisão. (HOBSBAWM, 1998, p. 107).

As palavras acima remetem, a meu ver, a questão crucial que pode minimizar a incômoda coexistência em que vivem historiadores e economistas: a economia, como salienta Hobsbawm (1998), que está imbricada na mudança histórica e não pode ser dela abstraída sem perder substancialmente em realismo. A história precisa ser reintegrada, embora isso não deva significar um exercício de econometria retrospectiva, à semelhança da cliometria norte-americana. E, concordamos, com Hobsbawm (1998), quando diz que os economistas precisam mais dessa reintegração que os historiadores, porque a economia é uma ciência social aplicada, como a medicina é uma ciência natural aplicada. A história constitui, nesse sentido, o laboratório da economia e pode

tornar-se um componente natural de qualquer diagnóstico sobre o que há de errado com ela, auxiliando, inclusive, na terapia adotada para corrigir eventuais distorções da política econômica adotada. Essa analogia com a Medicina não pode soar estranho aos economistas e pode atrair mais historiadores para uma parceria que, percebe-se, promissora. Um exemplo extraído da história do pensamento econômico reforça essa tese: aos 50 anos de idade, diplomado em Medicina, um francês de nome François Quesnay, começaria seus estudos sobre a ordem econômica que, em 1758, com a formulação de seu “Quadro econômico”, seriam o paradigma de uma ciência nascente e deixariam seus contemporâneos atônitos. Foi a sua concepção de ciência e de natureza, mais que qualquer outra coisa, que ele transferiu da medicina para a investigação no campo econômico, e que desembocaria, em 1767, na publicação das “Máximas Gerais do Governo Econômico de um Reino Agrícola”. Esse trabalho do Dr. Quesnay constitui, assim se entende, um embrião do que, mais tarde a economia clássica, sob a liderança de Adam Smith, faria com tamanha propriedade e muito melhor que a Fisiocracia: se recusar a isolar a economia das demais transformações históricas da sociedade em que estava inserida (HOBBSAWM, 1998). As palavras de Hobsbawm (1998) são lapidares e encerram a discussão. Portanto, devem ser transcritas literalmente:

Meu raciocínio supõe que, divorciada da história, a economia é um navio desgovernado e os economistas sem a história não têm muita noção de para onde o navio navega. Mas não estou sugerindo que esses defeitos possam ser sanados simplesmente pela aquisição de alguns mapas, ou seja, prestando mais atenção às realidades econômicas concretas e à experiência histórica. Aliás, sempre houve abundância de economistas dispostos e ansiosos por manter os olhos abertos. A dificuldade é que, conquanto seguissem a tradição corrente, sua teoria e método como tais não os ajudaram a saber para onde olhar e o que procurar. O estudo dos mecanismos econômicos estava divorciado do estudo dos fatores sociais e de outros fatores que condicionam o comportamento dos agentes que constituem tais mecanismos. Foi isso que há muito tempo Maurice Dobb quis dizer em Cambridge. (HOBBSAWM, 1998, p. 118).

Nesse contexto, portanto, deve-se admitir que o trem da história continua nos trilhos e sua longa viagem, parando em algumas estações em que embarcam esses agentes da mudança, verdadeiros oráculos da sociedade, responsáveis por nos trazer um pouco mais de lucidez sobre a roda viva da realidade socioeconômica. Como historiador, Eric Hobsbawm, cumpriu esse papel de forma incomparável – suas ERAS (**A era das Revoluções** – 1789-1848; **A era do Capital** – 1848-1875; **A era dos Impérios** – 1875-1914; **A era dos Extremos** – O breve século XX – 1914-1991) são

únicas! Nascido em 1917, em Alexandria, no Egito, fez seus estudos em Viena, Berlim, Londres e Cambridge. Foi *fellow* da Academia Britânica e da Academia Americana de Ciências e Artes, professor visitante em diversas universidades da Europa e dos EUA, lecionando até aposentar-se no Birkbeck College, da Universidade de Londres. Sua formação centro-europeia, portanto, ao aprender o alemão antes do inglês, foi determinante, viabilizando que sua obra sempre dialogasse com o *mainstream* e demais correntes do pensamento histórico e econômico. Em seu livro, **Tempos interessantes**, os primeiros dezesseis capítulos contam a sua vida, registrando as memórias de sua infância e juventude. No capítulo 2, falando de sua infância em Viena:

Somente em retrospecto minha infância pode ser considerada um processo de politização. Naquele tempo, brincar e aprender, família e escola definiam minha, como definiam a vida da maioria das crianças vienenses da década de 20. Praticamente tudo o que ocorria conosco vinha de uma ou outra dessas fontes, ou cabia em uma ou outra dessas duas molduras. (HOBSEBAWM, 2002, p. 29).

Depois, registre-se, a sua adolescência e juventude vividas em Berlim, seguidas da morte dos pais e de sua transferência para a Inglaterra, onde iniciou a sua vida intelectual em Cambridge. Essa é a fase de sua vida em que filia-se ao Partido Comunista Britânico e mergulha na política. Teve o privilégio de ser uma testemunha ocular dos fatos que formataram a ERA dos extremos: o nazismo, a Segunda Guerra Mundial, a guerra fria, a primavera de Praga, o maio de 1968 em Paris, a queda do muro de Berlim, o advento da globalização e a expansão dos EUA como nação hegemônica. Em muitos desses acontecimentos, atuou como personagem e interpretou como historiador, isto é, sua originalidade é revelada pelo reconhecimento de que é possível viver a história e interpretá-la. Nesse sentido, um momento que se constituiu um divisor de águas em sua biografia, segundo ele, foi a rebelião estudantil na França. Em 1968, ele estava em Paris, participando das comemorações do sesquicentenário do nascimento de Karl Marx, quando o movimento da turba no clamor das ruas o contaminou, assim como muitos professores da Sorbonne, que não resistiram e caminharam lado a lado com rapazes, gritando palavras de ordem. Essa duplicidade de papéis foi reveladora, reforçando a honestidade de sua análise que é louvável! Traduzindo-o, literalmente, “[...] eis o que uma autobiografia é capaz de fazer.” (HOBSEBAWM, 2002, p. 11). Segundo o historiador, ele tornou-se um observador participante, sem deixar de ser o intelectual, nessa perspectiva do exercício do duplo papel. Com isso, tornou inteligível a sua obra e colocou-o ao alcance dos leitores mais jovens, ávidos pela história do século

XX, e reavivou as recordações dos leitores de mais tenra idade, mais alinhados, obviamente, com sua história de vida. Nas suas próprias palavras:

Mais do que isso, porém, o entrelaçamento da vida de uma pessoa com sua época e a interpretação das duas coisas ajudaram de maneira mais profunda a dar forma a uma análise histórica que, espero, a tenha tornado independente de ambas. Eis o que uma autobiografia é capaz de fazer. De certa forma, este livro é o avesso de a *ERA dos extremos*: não a história do mundo ilustrada pelas experiências de um indivíduo, mas a história do mundo dando forma a essa experiência, ou melhor, oferecendo uma gama de escolhas cambiantes, mas sempre limitadas, com as quais, adaptando a frase de Karl Marx, “os homens fazem [suas vidas], mas não [as] fazem como desejam, não [as] fazem nas circunstâncias escolhidas por eles, e sim nas circunstâncias diretamente encontradas, proporcionadas e transmitidas pelo passado”; poder-se-ia acrescentar: e pelo mundo à volta delas. (HOBSEBAWM, 2002, p. 11-12).

Os extremos do século XX e a interpretação de Hobsbawm (1995) sobre o mesmo, o fazem único entre os historiadores. Para ele, a estrutura do Breve Século XX, parece uma espécie de sanduíche histórico. A uma Era de catástrofe, de 1914 até o período posterior à Segunda Guerra Mundial, teremos 25 ou 30 anos de extraordinário crescimento econômico e transformação mundial; esses foram anos marcantes e incomparáveis, em termos das transformações impostas à sociedade humana. Eles podem ser vistos, segundo Hobsbawm (1995) registrou em sua obra **Era dos extremos**, como uma ERA de Ouro (1947-1973). A última parte do século, na sua visão, seria, então, de catástrofe, uma nova era de decomposição, incerteza e crise, para grandes áreas do mundo, como a África, a ex-URSS e os países da antiga Cortina de Ferro da Europa. Entre 1980 e 1990 e nos anos seguintes, a melancolia de fim de século passou a dominar. “[...] Como, então, comparar o mundo da década de 1990 ao mundo de 1914?” (HOBSEBAWM, 1995, p. 21), questiona ele, com seu olhar arguto. Embora os números ressaltem essa diferença – “nele viviam 5 ou 6 bilhões de seres humanos, talvez três vezes mais que na eclosão da Primeira Guerra Mundial”, diz ele, embora o Breve Século XX seja um recordista em morte e abandono de seres humanos por decisão humana (a estimativa dessas “megamortes” de Brzezinski, citado por Hobsbawm, registra 187 milhões, o equivalente a mais de um em dez da população total de 1900) (HOBSEBAWM, 1995, p. 21) – ele prefere privilegiar o enfoque qualitativo. E aponta, pelo menos três aspectos para revelar um mundo qualitativamente diferente: (I) não era mais eurocêntrico; em outras palavras, o declínio e a queda da Europa, o berço da civilização ocidental, inquestionável no início do século, perdera seu raio de influência, perda essa revelada pela redução de sua participação demográfica no mundo de um

terço para um sexto, por suas indústrias migrando para outras partes do mundo, por ter que dividir a centralidade do mundo com outras zonas de influência, como a Austrália e a Nova Zelândia. As “grande potências” europeias de 1914 haviam desaparecido e a ideia de uma “comunidade europeia” supranacional e única já emergia; os EUA, desde 1914, já emergiam como grande economia industrial e força propulsora da produção em massa, firmando o seu espaço no Breve Século XX. (II) O segundo aspecto, credor do rápido avanço das comunicações e dos transportes, foi a transformação do mundo em uma “aldeia global” (segundo Hobsbawm (1985, p. 24), isso foi impressionante: “[...] a tensão entre esse processo de globalização cada vez mais acelerado e a incapacidade conjunta das instituições públicas e do comportamento coletivo dos seres humanos de se acomodar a ele”). (III) A terceira e última, segundo ele, “[...] mais perturbadora, é a desintegração de velhos padrões de relacionamento social humano e, com ela, a quebra dos elos entre gerações, isto é, passado e presente”. (HOBSBAWM, 1985, p. 24). O predomínio de valores ligados a um individualismo associal absoluto, em uma sociedade formada por um conjunto de indivíduos egocentrados, em busca da própria satisfação (lucro ou prazer), já fazia parte da dinâmica capitalista e essa desintegração já havia sido prevista desde a ERA das revoluções. Em seu excelente **Indústria e Império**, traduzido no Brasil, por **Da revolução industrial ao Imperialismo**, de 1969, Hobsbawm, analisando os resultados humanos da Revolução Industrial, atribuiu esse processo ao desenraizamento da classe trabalhadora, arrancada de seu *habitat* natural para ser obrigada a viver nas cidades, o novo templo do capitalismo, um vulcão, temido pelos ricos e poderosos e prestes a explodir; para os habitantes pobres, a cidade era apenas a lembrança, segundo Hobsbawm (2003), de sua exclusão da sociedade humana, um deserto de pedra, que tinham de tornar habitável por meio de seus próprios esforços. Essa ruptura somente confirma o que já havia sido vaticinado por vários estudiosos do capitalismo, inclusive Marx: “O capitalismo era uma força revolucionadora permanente e contínua”. (HOBSBAWM, 1995, p. 25).

Uma reflexão final: porque este eminente historiador se envolveria tanto com o seu tempo, a ponto de se misturar com a história do mundo, deixar que este entrelaçamento entre sua vida e sua época o tornasse tão emblemático entre os seus pares? (não há porque não dar o devido crédito aos demais historiadores marxistas de uma época, como Christopher Hill, Edward Thompson, Raymond Williams e Perry Anderson, por exemplo). A resposta, ele mesmo dá, revelando a sua inquietude com o seu tempo, a sua não acomodação à realidade dos fatos históricos que não poderia

controlar, em uma passagem que nos remeterá, finalmente, às razões de sua radiografia do século passado; citando um trecho do que ele considera o maravilhoso **Cidades invisíveis**, de Italo Calvino, ele registra, em seu capítulo 20, dos “Tempos interessantes”, a fala de Marco Polo:

Marco Polo: O inferno dos vivos não é algo que vai existir: se existe, já está aqui, o inferno de nossa vida cotidiana, formado pelo fato de vivermos juntos. Há duas formas de suportá-lo. A primeira é a que muitos acham fácil; aceitar o inferno e tornar-se parte dele, até não o ver mais. A segunda é arriscada e exige constante atenção e aprendizado: no meio do inferno procurar e saber reconhecer o que não é inferno, fazê-lo durar, dar-lhe espaço. (HOBSBAWM, 2002, p. 394).

E tal inquietude é retomada em sua análise abrangente sobre a história mundial e de todos os continentes. Na impossibilidade, em um tempo exíguo de resgatar todas as suas impressões, sobre a América Latina, recorto uma reflexão sobre o Brasil, do seu livro **Tempos interessantes**, que é muito coerente com sua sede de intervenção e mudança na realidade:

O Brasil pode ter a oitava economia do mundo, devido ao tamanho do seu PNB, e o México a décima sexta, mas em renda *per capita* estão respectivamente em quinquagésimo segundo e sexagésimo. O Brasil continua a liderar a classificação mundial de injustiça social. Mesmo assim, se alguém pedir aos pobres latino-americanos que comparem suas vidas no início do novo milênio com as de seus pais, sem falar nas de seus avós, com uma outra exceção a resposta seria: é melhor. Porém e muitos países poderiam acrescentar; é mais imprevisível e mais perigosa. (HOBSBAWM, 2002, p. 418).

Portanto, não nos desarmemos, segue ele, mesmo em tempos insatisfatórios. E completa: “A injustiça social ainda precisa ser denunciada e combatida. O mundo não vai melhorar sozinho”. (HOBSBAWM, 2002, p. 455).

Confesso a vocês que após ler Hobsbawm, para proferir essa fala, não posso evitar a sensação, agora ampliada, registrada ao final do mesmo capítulo dele com que comecei esta análise, (Historiados e Economistas: I, no seu livro **Sobre História – On Hystory**): em todos os aspectos os economistas podem aprender muito com os historiadores.

Muito obrigada!

Conference

Economics and History from the perspective of Eric Hobsbawm: a radiography of the nineteenth and twentieth centuries

Abstract

Lecture given at a seminar organized by the Department of History on historiography and the legacy of Eric Hobsbawm - one of the greatest historians of the twentieth century. Its main focus was on the emergence and trajectory of modern capitalism and the transformations undergone by the system, from the late Middle Ages. The text comes to his major works, focusing on ERAS – **The Age of Revolutions, The Age of Capital, The Age of Empire and Age of Extremes** – just like the book **Interesting Times**, a true masterpiece of the twentieth century, in which he takes the role of participant observer analyzing the major economic and political events of his time.

Keywords: Eric Hobsbawm; Historiography; Nineteenth and Twentieth centuries.

REFERÊNCIAS

- HOBSBAWM, E. J. **Sobre história:** ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 336p.
- HOBSBAWM, E. J. **Da revolução industrial inglesa ao imperialismo.** 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. 325p.
- HOBSBAWM, E. J. **A era das revoluções:** Europa – 1789-1848. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. 366p. (Pensamento crítico; 13).
- HOBSBAWM, E. J. **A era dos impérios** – 1875-1914. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. 546p.
- HOBSBAWM, E. J. **Era dos extremos:** o breve século XX – 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 598p.
- HOBSBAWM, E. J. **Tempos interessantes:** uma vida no século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. 482p.

Recebido em junho de 2013.
Aprovado em agosto de 2013.